

# Evolução do alinhamento na língua Maxakalí

Andrey Nikulin<sup>a</sup>, Mário André Coelho da Silva<sup>b</sup>

<sup>a</sup>Universidade de Brasília, <sup>a</sup>Université d’Ottawa, <sup>b</sup>Universidade Estadual de Campinas

## Resumo

Neste trabalho examinamos o alinhamento morfossintático da língua Maxakalí, analisando os três subtemas (ergativo-absolutivo, ativo-inativo e nominativo-acusativo) que operam na língua. Demonstramos que a escolha do alinhamento depende tanto da construção (padrão vs. imperativa) como da classe lexical do verbo que a encabeça (nativo vs. não nativo). Relacionamos os fatos do Maxakalí aos subsistemas de alinhamento reconstruíveis para o Proto-Jê Setentrional. Propomos um cenário diacrônico, de acordo com o qual a situação nas línguas Jê Setentrionais seria conservadora, enquanto as construções verbais do Maxakalí teriam passado por uma reanálise. Hipotetizamos ainda que a distinção entre os modos *realis* e *irrealis* do Maxakalí continua a antiga distinção de finitude, que teria existido no Proto-Macro-Jê.

## 1 Introdução

A língua Maxakalí (autodenominada *tikmũũn yĩy’ax*), pertencente à família Maxakalí do tronco Macro-Jê, é falada no nordeste de Minas Gerais por aproximadamente 2000 indígenas.<sup>1</sup> Neste artigo examinamos o alinhamento morfossintático dessa língua desde uma perspectiva diacrônica, visando reconstruir o possível percurso de sua evolução. Para tal fim, baseamo-nos na abordagem de Gildea *et al.* (2020), segundo a qual o método comparativo pode ser aplicado não apenas a unidades fonológicas e morfológicas, mas também a unidades sintáticas. Essa possibilidade decorre da Gramática de Construções, que reconhece que tanto as unidades fonológicas e morfológicas quanto as unidades sintáticas mapeiam a forma com a função e, portanto, são passíveis de comparação, permitindo uma reconstrução.

O restante deste artigo está estruturado da seguinte maneira. Apresentamos alguns fatos básicos acerca do alinhamento em Maxakalí na seção 2, discutindo duas cisões lexicais e uma cisão construcional que operam na língua. Na seção 3, identificamos alguns paralelos morfossintáticos entre o Maxakalí e as línguas Jê Setentrionais, os quais servem de base para a proposta reconstitutiva que detalhamos na seção 4. Concluimos o artigo com a seção 5, em que resumimos as hipóteses nele apresentadas e sugerimos tópicos para futuros estudos da sintaxe diacrônica das línguas Macro-Jê.

## 2 As três cisões do Maxakalí

Nesta seção propomos uma análise referente ao alinhamento morfossintático da língua Maxakalí. Identificamos três **cisões** relevantes para a descrição dos padrões de codificação dos argumentos em Maxakalí. Na subseção 2.1 mostraremos que os verbos não nativos (emprestados e onomatopaicos) possuem propriedades morfossintáticas que divergem consideravelmente daquelas dos verbos nativos, permitindo subdividir os verbos do Maxakalí em duas classes lexicais de acordo com sua origem. Em seguida, discutiremos o alinhamento morfossintático das orações encabeçadas por verbos nativos. Na subseção 2.2, argumentaremos que o sistema observado pode ser classificado como um sistema de ergatividade cindida, sendo que o alinhamento nesse tipo de orações é determinado pelo modo verbal: enquanto os verbos nativos no modo *realis* desencadeiam o padrão ergativo-absolutivo de codificação dos argumentos, os verbos nativos no modo *irrealis* são associados com um padrão morfossintático diferenciado (um sistema de intransitividade cindida). Na subseção 2.3, discutiremos esse último padrão em maior detalhe, mostrando que os verbos nativos intransitivos do

<sup>1</sup> Os dados utilizados neste artigo provêm da pesquisa que vem sendo realizada pelo segundo autor com falantes nativos nas aldeias Verde e Pradinho. A depender da análise adotada, a língua possui entre 9 e 13 fonemas consonantais (/p, t, te, k, ʔ, m~b, n~d, ɲ~dz, ŋ~g, h/, ortograficamente <p, t, x, k, ʔ, m, n, y, g, h>) e 10 vocálicos (/i, i, u, ε, a, i, i, u, ê, â/, ortograficamente <i, u, o, e, a, i, u, ô, ê, â>). Para mais detalhes sobre a fonologia da língua, ver Silva (2020a). A ordem canônica de constituintes é SV/APV.

Maxakalí podem ser subdivididos em duas classes de acordo com o comportamento morfossintático de seu único argumento nas orações encabeçadas por um verbo no modo *irrealis*.

## 2.1 Verbos nativos e não nativos

Nesta subseção argumentaremos que o alinhamento observado nas orações encabeçadas por verbos não nativos (emprestados e onomatopaicos) deve ser classificado como nominativo–acusativo, fugindo ao padrão majoritário da língua (a ser discutido em detalhe nas subseções 2.2 e 2.3) e evidenciando, portanto, uma cisão da classe dos verbos em duas subclasses lexicais.

A subclasse dos verbos não nativos compreende verbos tanto transitivos (1a–e) como intransitivos (1f–i), havendo em nosso *corpus* ainda um exemplo de um verbo ambitransitivo (1j).<sup>2</sup>

- |     |    |                |                             |                                  |
|-----|----|----------------|-----------------------------|----------------------------------|
| (1) | a. | <i>mãn</i>     | ‘atirar (com arma de fogo)’ |                                  |
|     | b. | <i>menex</i>   | ‘vender’                    | (< português <i>vender</i> )     |
|     | c. | <i>pixiya</i>  | ‘precisar’                  | (< português <i>precisar</i> )   |
|     | d. | <i>topo</i>    | ‘encontrar (com alguém)’    | (< português <i>topou</i> )      |
|     | e. | <i>yõna</i>    | ‘ajudar’                    | (< português <i>ajudar</i> )     |
|     | f. | <i>takat</i>   | ‘caro’                      | (< português <i>tá caro</i> )    |
|     | g. | <i>tanemẽn</i> | ‘dever dinheiro’            | (< português <i>tá devendo</i> ) |
|     | h. | <i>pũn</i>     | ‘pular’                     |                                  |
|     | i. | <i>yẽy</i>     | ‘ficar calado’              |                                  |
|     | j. | <i>tũg</i>     | ‘piscar’                    |                                  |

Todos os verbos demonstradamente emprestados do português pertencem a esta classe (1b–g). É mais difícil comprovar formalmente a origem dos verbos que classificamos como onomatopaicos (1a, h–j, dentre outros), porém temos alguns indícios para a tomada de tal decisão: além do caráter onomatopaico ser percebido pelos falantes da língua, existem algumas pistas fonológicas (tais como a insusceptibilidade ao processo de formação de pé bimoraico) que comprovam seu estatuto diferenciado.<sup>3</sup>

Em 2 abaixo, mostramos que o agente de verbos transitivos (A) e o único argumento de verbos intransitivos (S) desta subclasse são expressos por sintagmas posposicionais encabeçadas pela posposição *te* NOM (2a–d, no modo *realis*) ou omitidos (2e–g, no modo *irrealis*), enquanto o paciente de verbos transitivos não nativos (P) é expresso por um sintagma posposicional encabeçado pela posposição *hã* ACC (2a, c, e) ou sua forma supletiva de terceira pessoa *nõ* 3.ACC (2g).

- |     |    |                             |           |                  |           |             |  |    |                        |            |              |
|-----|----|-----------------------------|-----------|------------------|-----------|-------------|--|----|------------------------|------------|--------------|
| (2) | a. | A                           | NOM       | P                | ACC       | V           |  | b. | S                      | NOM        | V            |
|     |    | <i>Mãn</i>                  | <i>te</i> | <i>kũnĩõg</i>    | <i>hã</i> | <i>mãn</i>  |  |    | <i>ã</i>               | <i>te</i>  | <i>pũn</i>   |
|     |    | Mário                       | NOM       | coelho           | ACC       | atirar      |  |    | 1SG <sup>DAT</sup>     | NOM        | pular        |
|     |    | ‘O Mário atirou no coelho.’ |           |                  |           |             |  |    | ‘Eu pulei.’            |            |              |
|     | c. | A                           | NOM       | P                | ACC       | V           |  | d. | S                      | NOM        | V            |
|     |    | <i>ã</i>                    | <i>te</i> | <i>xa</i>        | <i>hã</i> | <i>yõna</i> |  |    | <i>nanĩy</i>           | <i>te</i>  | <i>takat</i> |
|     |    | 1SG <sup>DAT</sup>          | NOM       | 2 <sup>DAT</sup> | ACC       | ajudar      |  |    | laranja                | NOM        | estar_caro   |
|     |    | ‘Eu te ajudei.’             |           |                  |           |             |  |    | ‘A laranja está cara.’ |            |              |
|     | e. | P                           | ACC       | V                |           |             |  | f. | V                      |            |              |
|     |    | <i>kũnĩõg</i>               | <i>hã</i> | <i>mãn!</i>      |           |             |  |    | <i>pũn</i>             |            |              |
|     |    | coelho                      | ACC       | atirar           |           |             |  |    | pular                  |            |              |
|     |    | ‘Atire no coelho!’          |           |                  |           |             |  |    | ‘Pule!’                |            |              |
|     |    |                             |           |                  |           |             |  | g. | P <sup>ACC</sup>       | V          |              |
|     |    |                             |           |                  |           |             |  |    | <i>nõ</i>              | <i>mãn</i> |              |
|     |    |                             |           |                  |           |             |  |    | 3.ACC                  | atirar     |              |
|     |    |                             |           |                  |           |             |  |    | ‘Atire nele!’          |            |              |

Observe que a ocorrência do sintagma posposicional encabeçado pela posposição acusativa é obrigatória nos verbos não nativos transitivos, mostrando claramente que se trata de um argumento e não de um adjunto.

<sup>2</sup> Para todos os exemplos de línguas contemporâneas neste artigo utiliza-se a representação ortográfica, respeitando as convenções em uso pelas respectivas comunidades de fala.

<sup>3</sup> Nevins *et al.* (submetido) tratam estas duas classes de palavras não como verbos, mas como citações, com consequências para a análise do alinhamento morfossintático. Remetemos o leitor ao artigo citado para mais detalhes sobre essa análise alternativa.

Os verbos nativos apresentam um comportamento radicalmente diferente, sendo que a codificação de seus argumentos segue padrões diferentes a depender do modo do verbo (ergativo–absolutivo no modo *realis*, ativo–inativo no *irrealis*), como mostraremos em 2.2.

## 2.2 Modos *realis* e *irrealis*

Nesta subseção examinamos os padrões de alinhamento morfossintático desencadeados por verbos nativos. Argumentamos que o alinhamento observado em orações encabeçadas por verbos nativos no modo *realis* pode ser classificado como ergativo–absolutivo, enquanto as orações encabeçadas por verbos nativos no modo *irrealis* apresentam um alinhamento ativo–inativo (ver subseção 2.3 abaixo).

Silva e Nikulin (2020) demonstram que diversos verbos nativos do Maxakalí apresentam uma distinção formal entre dois modos: o *realis* (utilizado em quase todos os tipos de orações, tanto independentes como subordinadas) e o *irrealis* (utilizado em orações imperativas, subordinadas de finalidade e aquelas introduzidas pela partícula inferencial *pa* ‘parece que’). No modo *realis*, tanto o paciente de verbos nativos transitivos (P) como o único argumento de verbos nativos intransitivos (S) formam um constituinte com o verbo (3a–f), enquanto o agente de verbos transitivos (A) é expresso por um sintagma posposicional encabeçado pela posposição *te* ERG (3a–b). Note-se que os participantes S/P tipicamente precedem o verbo, formando com ele uma palavra fonológica (o domínio para a aplicação do processo de formação de pé bimoraico; ver Silva 2020a), propriedade esta compartilhada por sintagmas genitivos, em que o possuidor se comporta como S/P.<sup>4</sup>

	A	ERG	P	V		A	ERG	p-V
(3) a.	<i>tik</i>	<i>te</i>	<i>kokex</i>	<i>putex</i>		<i>ã</i>	<i>te</i>	<i>ã-xanãhã</i>
	homem	ERG	cachorro	matar.SG.RLS		1SG <sup>DAT</sup>	ERG	2-chamar.RLS
				‘O homem matou o cachorro.’				‘Eu te chamei.’
						S	V	
	s=V					<i>tex</i>	<i>tihi</i>	
c.	<i>ũg=xup</i>				d.	chuva	estar_em_pé.PL.RLS	
	1SG=estar_pendurado.SG.RLS						‘Está chovendo.’	
						S	V	
	s-V					<i>tik</i>	<i>pi-p</i>	
e.	<i>ũ-mãm</i>				f.	homem	estar_deitado.SG.RLS	
	3-estar_sentado.PL.RLS						‘O homem está deitado.’	

Já na construção imperativa, os verbos da mesma classe ocorrem no modo *irrealis* e apresentam um alinhamento diferente daquele observado em cláusulas encabeçadas por um verbo nativo no modo *realis*. Nessa construção, o paciente de verbos transitivos (P) é obrigatoriamente expresso em sua posição canônica (4a–b), propriedade compartilhada com o único argumento de uma parte dos verbos intransitivos (S<sub>P</sub>) (neste último caso, a única possibilidade na construção imperativa é o índice de segunda pessoa *ã-*; 3c–d). Em contraste, a expressão do agente de verbos transitivos (A) não é permitida na construção imperativa (3a–b), comportamento compartilhado com o único argumento dos demais verbos intransitivos (S<sub>A</sub>, 3e–f). Observe que a impossibilidade de expressar o argumento S<sub>A</sub> dos verbos intransitivos resulta na aplicação do processo que transforma as vogais subjacentes de constituintes monossilábicos em sequências do tipo *VhV* (para a operação deste processo em nomes, vide Silva 2020b).

<sup>4</sup> Em alguns casos (não ilustrados em 3), o participante S/P é expresso por um sintagma nominal após o verbo, ordem de constituintes associada por Campos (2009: 65–8, 229–30) com a focalização. Qualquer que seja a função do deslocamento do participante S/P para a posição pós-verbal, em nossa análise o verbo em tais casos é precedido por um índice da terceira pessoa na posição canônica (cujo alomorfe pode ser zero após palavras terminadas em uma vogal), não incorrendo, por tanto, na violação da constituição do núcleo SV/PV.

	P	V (*A)		p-V (*A)
(4) a.	<i>kokex</i>	<i>putex</i>		b. <i>ũ-xanã</i>
	cachorro	matar.SG.IRR		3-chamar.IRR
		‘Mate o cachorro!’		‘Chame-o!’
	$s_p$ -V			$s_p$ -V
c.	<i>ã-xup</i>			d. <i>ã-ti</i>
	2-estar_pendurado.SG.IRR			2-estar_em_pé.PL.IRR
	‘Esteja pendurado!’			‘Fiquem de pé!’
	V (*S <sub>A</sub> )			V (*S <sub>A</sub> )
e.	<i>mãhãm</i>			f. <i>pihi</i>
	estar_sentado.PL.IRR			estar_deitado.SG.IRR
	‘Sentem-se!’			‘Deite!’

Identificamos tal configuração com o padrão ativo–inativo (a ser examinado na subseção 2.3).

Além da construção imperativa, o modo *irrealis* é utilizado em duas outras construções, nas quais não nos deteremos a fundo no presente artigo, mas que exemplificamos a seguir: a de finalidade (5) e a de inferência, introduzida pela partícula *pa* ‘parece que’ (6).

- (5) a. [...] *nũy ta xe ã-yõg mĩxux mĩ*  
FIN.MS FOC novamente 3-POSS folha fazer.IRR  
 ‘[...] para eu fazer a folha (de artesanato) dela novamente.’
- b. [...] *pax pu Ø-nãhãy koxut nũy pihi*  
bater.ONOM FIN.SD 3-cair.IRR tatu FIN.MS estar\_deitado.SG.IRR  
 ‘[...] batem para o tatu cair, para (o tatu) ficar deitado.’
- (6) a. *pa tik xa Ø-hõm mĩnnut*  
INFER homem 2<sup>DAT</sup> 3-dar flor  
 ‘Parece que o homem te deu uma flor.’
- b. *pa kakxop ãg=ki*  
INFER criança 1SG=bater.IRR  
 ‘Parece que a criança bateu em mim.’

Nessas duas construções, os participantes S, A, P não recebem nenhuma posposição. Os participantes S e A, segundo nossa análise preliminar, são alinhados nessas construções em um padrão nominativo, pois são expressos usando a mesma estratégia morfossintática, envolvendo a utilização de uma série pronominal dedicada para os participantes de pessoa (*ũ* ‘eu’, *xa* ‘tu’). Já os índices de pessoa no verbo codificam os participantes P e S<sub>p</sub>. Em conjunto, o fato de os pares S/A e P/S<sub>p</sub> compartilharem características configuram um padrão de alinhamento que poderíamos rotular de nominativo–inativo. A ordem dos constituintes é menos rígida em comparação com a construção imperativa: o argumentos P e S, se expressos por um sintagma nominal, podem ser pospostos ao verbo (5b, 6a), de forma semelhante ao que ocorre em orações no modo *realis*, ainda que a ordem canônica seja PV (ver nota 4).

Sintetizamos os padrões de alinhamento do Maxakalí no Quadro 1 abaixo. Não incluímos o padrão nominativo–inativo, descrito acima, pois as respectivas construções estão escassamente atestadas em nosso *corpus*; em particular, não está totalmente claro se a codificação do participante nominativo (S/A) por meio da série dedicada (*ũ* ‘eu’, *xa* ‘tu’) é robusta nas construções de finalidade e de inferência.

alinhamento	ergativo–absolutivo	ativo–inativo	nominativo–acusativo	
verbo transitivo	A ERG [P V]	[P V] (*A)	A NOM P ACC V	P ACC V
verbo intransitivo	[S V]	V (*S <sub>A</sub> )	A NOM	V
modo verbal	<i>realis</i>	<i>irrealis</i>	sem distinção formal	
condicionamento	verbo nativo, padrão geral	verbo nativo, construção imperativa	verbo não nativo, padrão geral	verbo não nativo, construção imperativa

Quadro 1: Os padrões de alinhamento do Maxakalí e suas propriedades

## 2.3 Cisão intransitiva

Como já foi dito na subseção 2.2 acima, a cisão intransitiva em Maxakalí divide os verbos nativos intransitivos em duas subclasses e se manifesta no comportamento diferenciado dos verbos dessas duas subclasses na construção imperativa: os verbos de uma subclasse recebem o índice de segunda pessoa *ã-* que codifica seu único argumento (S<sub>p</sub>), enquanto os demais verbos não recebem nenhum índice. Em 7, damos alguns exemplos de verbos que recebem o índice *ã-* (2.S<sub>p</sub>) na construção imperativa; o hífen à esquerda dos temas sinaliza seu caráter RELACIONAL, isto é, o fato de exigirem a expressão de seu argumento. Já os verbos em 8 são aqueles que não recebem nenhum índice na construção imperativa.

- (7) a. *-xup* ‘estar pendurado.SG’  
 b. *-tihil* ‘estar em pé.PL’  
 c. *-nõm* ‘estar deitado.PL’  
 d. *-puktet* ‘arrotar’  
 e. *-puk* ‘assoviar’  
 f. *-xatapak* ‘bocejar’  
 g. *-xit* ‘comer.INTR’  
 h. *-xithỹ* ‘espirrar’  
 i. *-pakut* ‘ser/estar doente’

- (8) a. *xip* ‘estar.SG’  
 b. *mõg* ‘ir’  
 c. *nũn* ‘vir’  
 d. *potaha* ‘chorar’  
 e. *yũm* ‘estar sentado.SG’  
 f. *mãm* ‘estar sentado.PL’  
 g. *topaha* ‘voar.SG’  
 h. *xataha* ‘gritar’  
 i. *nãhã* ‘cair’  
 j. *pip* ‘estar deitado.SG’  
 k. *tehe* ‘estar preparado/arrumado’  
 l. *kutex* ‘cantar’

Embora os sistemas de alinhamento ativo–inativo tendam a possuir condicionamento semântico de cisão intransitiva (Mithun 1991), ainda não pudemos determinar um condicionamento claro no caso do Maxakalí em virtude da existência de pares verbais como *xip* ‘estar.SG’ (argumento S<sub>A</sub>) e *-tihil* ‘estar.PL’ (argumento S<sub>p</sub>); Mithun (1991:539–40) alerta que tais situações podem decorrer de lexicalização de combinações de predicado e caso. Neste trabalho não empreendemos uma tentativa de identificar os fatores semânticos que poderiam determinar, sincronicamente, a estrutura argumental dos verbos intransitivos. Portanto, o rótulo “ativo–inativo” diz respeito tão somente à existência de uma cisão intransitiva em Maxakalí e não deve ser interpretado como uma descrição semântica.

## 3 O Maxakalí e as línguas Jê Setentrionais

Nesta seção argumentaremos que os fatos do Maxakalí discutidos nas subseções 2.2 e 2.3 acima possuem um paralelo estreito nas línguas Jê Setentrionais, que são geneticamente relacionadas ao Maxakalí (Figura 1).

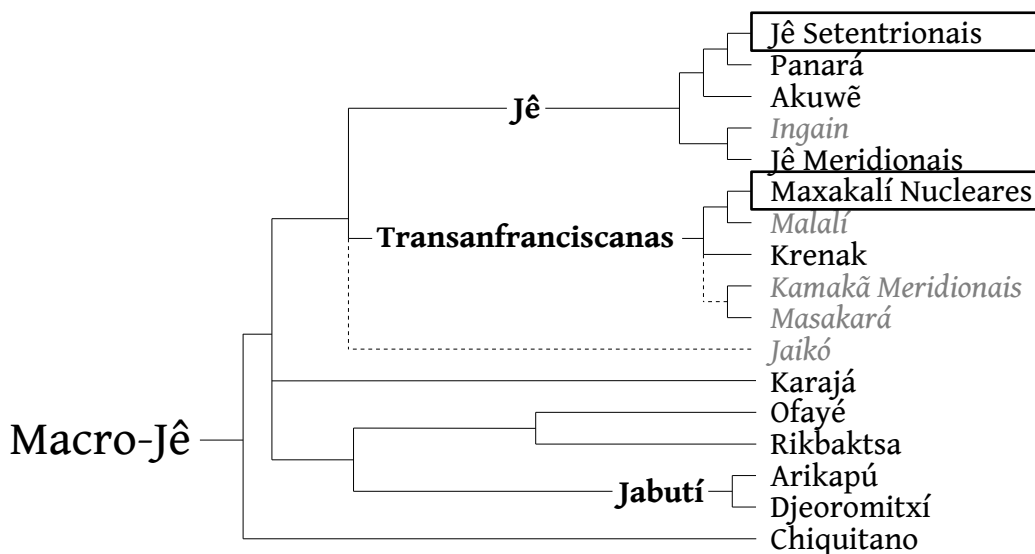


Figura 1: Cladograma do tronco Macro-Jê (adaptado de Nikulin 2020:178)

Na subseção 3.1 identificaremos alguns paralelos morfológicos e morfossintáticos entre a categoria de modo do Maxakalí e a categoria de finitude do Proto-Jê Setentrional. Já a subseção 3.2 trará uma breve comparação entre as cisões intransitivas do Maxakalí e do Proto-Jê Setentrional.

### 3.1 Modo e finitude

Os verbos das línguas Jê Setentrionais apresentam um contraste formal de *finitude*. A forma não finita dos verbos é prototipicamente utilizada em contextos de subordinação, embora em algumas línguas contemporâneas ela possa ocorrer também em orações independentes como resultado de reanálise, possuindo neste caso leituras temporais e/ou aspectuais específicas (tempo passado recente em Timbira e um espectro de interpretações aspectuais em Mëbêngôkre, por exemplo). Castro Alves (2010) reconstrói as propriedades morfossintáticas das formas finitas e não finitas dos verbos do Proto-Jê Setentrional. A autora conclui que nessa protolíngua as orações independentes (portanto, encabeçadas por um verbo finito) apresentavam um alinhamento ativo-inativo (9a–c), sendo a diferença formal entre a expressão dos argumentos A/S<sub>A</sub> e P/S<sub>P</sub> evidente no caso de argumentos de pessoa: compare os pronomes *\*ba* ‘1.A/S<sub>A</sub>’, *\*gu* ‘1+2.A/S<sub>A</sub>’, *\*ga* ‘2.A/S<sub>A</sub>’ com os índices de pessoa *\*ij-* ‘1.P/S<sub>P</sub>’, *\*ba-* ‘1+2.P/S<sub>P</sub>’, *\*a-/\*g-* ‘2.P/S<sub>P</sub>’. Os argumentos de terceira pessoa apresentam o seguinte padrão: uma subclasse de verbos intransitivos se assemelha a uma subclasse de verbos transitivos em receber o índice *\*c*, ao passo que os demais verbos transitivos recebem o índice *\*ku-* de terceira pessoa.<sup>5</sup> Já as orações subordinadas (portanto, encabeçadas por um verbo não finito) possuíam um alinhamento ergativo-absolutivo (9a’–c’) em Proto-Jê Setentrional. Nesse tipo de construções, o argumento A recebia a posposição ergativa *\*de*, enquanto os argumentos S e P eram codificados por sintagmas nominais não marcados ou índices prefixais de pessoa. A ordem canônica dos constituintes é SV/APV em todos os casos.<sup>6</sup>

	A	P	V <sub>F</sub>		a-ERG	P	V <sub>NF</sub>	
(9) a.	<i>*ba</i>	<i>kaŋã</i>	<i>bĩ</i>	a’.	<i>*[ij-de</i>	<i>kaŋã</i>	<i>bĩ-r]</i>	<i>kêt</i>
	1.A/S <sub>A</sub>	cobra	matar.SG		[1-ERG	cobra	matar.SG-NF]	NEG
	‘Eu matei a cobra.’				‘Eu não matei a cobra.’			
	S <sub>A</sub>	V <sub>F</sub>			s-V <sub>NF</sub>			
b.	<i>*ba</i>	<i>ŋõr</i>		b’.	<i>*[i-ñõt]</i>		<i>kêt</i>	
	1.A/S <sub>A</sub>	dormir			[1-dormir.NF]		NEG	
	‘Eu durmo.’				‘Eu não durmo.’			
	S <sub>P</sub> -V <sub>F</sub>				s-V <sub>NF</sub>			
c.	<i>*ij-prõt</i>			c’.	<i>*[ij-prõt]</i>		<i>kêt</i>	
	1.P/S <sub>P</sub>	-correr			[1-correr.NF]		NEG	
	‘Eu corro.’				‘Eu não corro.’			

Embora Castro Alves (2010) não discuta a construção imperativa no trabalho supracitado, as evidências das línguas Jê Setentrionais contemporâneas (ver Ferreira 2011 para uma seleção de dados) convergem apontando ao seguinte padrão: o verbo que encabeça a construção imperativa ocorre em sua forma finita, e os argumentos P e S<sub>P</sub> ocorrem em sua posição canônica (pré-verbal), como mostramos em 10a e 10c. Já a expressão dos argumentos externos (A, S<sub>A</sub>; semanticamente sempre de segunda pessoa) é inibida (10a–b).<sup>7</sup>

	P	V <sub>F</sub> (*A)		V <sub>F</sub> (*S <sub>A</sub> )		S <sub>P</sub> -V <sub>F</sub>	
(10) a.	<i>*kaŋã</i>	<i>bĩ</i>		b.	<i>*ŋõr</i>	c.	<i>*a:-prõt</i>
	cobra	matar.SG		dormir		2.P/S <sub>P</sub>	-correr
	‘Mate a cobra!’			‘Durma!’		‘Corra!’	

<sup>5</sup> Nikulin (2020, p. 271–3) propõe os rótulos *\*c-* ‘3.Ps/S<sub>P</sub>’ e *\*ku-* ‘3.Pp’ e diz que nas línguas Jê Setentrionais tanto o argumento S como o argumento P apresentam uma cisão nesse subparadigma específico, constituindo, assim, um padrão “ativo–tripartido” de alinhamento morfossintático.

<sup>6</sup> Seguimos aqui a reconstrução fonológica de Nikulin e Salanova (2019, 2022).

<sup>7</sup> Não consideramos aqui o efeito de hierarquia de pessoa, atestado até o presente em Mëbêngôkre, Apinajé e Canela (ver Castro Alves 2012 e referências), que permite a indexação do argumento A (em vez do argumento P) em verbos finitos caso um agente de segunda pessoa atue sobre um paciente de terceira pessoa. Este tipo de marcação é possível somente em verbos compatíveis com o índice *\*ku-* ‘3.Pp’ (ver nota 4).

A reconstrução em 10 é trivial, pois as respectivas construções são amplamente atestadas em todas as línguas Jê Setentrionais, incluindo Apinajé (11), Mëbêngôkre (12) e Canela (13).

## (11) APINAJÉ (Ferreira 2011:99)

	P	V <sub>F</sub> (*A)	V <sub>F</sub> (*S <sub>A</sub> )	S <sub>P</sub> -V <sub>F</sub>
a.	<i>kagã pĩ</i>		b. <i>gõr</i> <sup>8</sup>	c. <i>kyj a-tujarô</i>
	cobra matar.SG		dormir.SG	logo 2.P/S <sub>P</sub> -estar_grávida
	‘Mate a cobra!’		‘Sente-se!’	‘Engravidar logo!’

## (12) MËBÊNGÔKRE (Jefferson 2013 [1989]:151; Ferreira 2011:104)

	P	V <sub>F</sub> (*A)	V <sub>F</sub> (*S <sub>A</sub> )	S <sub>P</sub> -V <sub>F</sub>
a.	<i>kangã bĩ</i>		b. <i>ngõrõ</i>	c. <i>a-kato</i>
	cobra matar.SG		dormir	2.P/S <sub>P</sub> -sair
	‘Mate a cobra!’		‘Durma!’	‘Saia!’

## (13) CANELA (Ferreira 2011:101–2; Barros 2019:59)

	P	V <sub>F</sub> (*A)	V <sub>F</sub> (*S <sub>A</sub> )	S <sub>P</sub> -V <sub>F</sub>
a.	<i>cagã cura</i>		b. <i>gõr</i>	c. <i>a-tỳj</i>
	cobra matar.SG		dormir	2.P/S <sub>P</sub> -ser_forte
	‘Mate a cobra!’		‘Durma!’	‘Seja forte!’

É fácil observar que o alinhamento reconstruído para as orações subordinadas do Proto-Jê Setentrional é idêntico ao padrão geral do Maxakalí; o alinhamento atestado nas orações imperativas encabeçadas por verbos nativos em Maxakalí também é idêntico àquele reconstruído para a construção imperativa do Proto-Jê Setentrional. Reunimos os dados relevantes no Quadro 2 abaixo.

alinhamento	ergativo-absolutivo		ativo-inativo = cisão intransitiva
verbo transitivo	A	ERG [P V]	[P V] (*A)
verbo intransitivo		[S V]	V (*S <sub>A</sub> )
língua	Proto-Jê Setentrional	Maxakalí	Proto-Jê Setentrional
forma do verbo	forma não finita	modo <i>realis</i>	forma finita
condicionamento	orações subordinadas	padrão geral	construção imperativa

Quadro 2: Os padrões de alinhamento em Proto-Jê Setentrional e Maxakalí

(orações encabeçadas por verbos nativos)

É importante notar que a isomorfia das construções do Proto-Jê Setentrional e do Maxakalí não se restringe ao alinhamento morfossintático. Primeiramente, chama a atenção o fato de a posposição ergativa possuir formas semelhantes em Proto-Jê Setentrional (*\*de*, onde o grafema *\*e* denota uma vogal média-baixa) e Maxakalí (*te /tɛ/*), sendo que as correspondências fonéticas se encaixam dentro dos padrões já identificados, como se espera de morfemas cognatos. Todas as consoantes alveolares do Proto-Jê Setentrional correspondem regularmente a Maxakalí *t* em ambientes orais, como em PJS *\*-ʔtik* ‘barriga’, *\*to* ‘voar’, *\*-nã* ‘mãe’ ~ Maxakalí *-tex /tek/* ‘barriga’, *tohop /tup/* ‘voar’, *-tut /tít/* (infelizmente, não há nenhum exemplo disponível para PJS *\*d*, segmento este que ocorre em apenas três morfemas gramaticais). Para a correspondência Proto-Jê Setentrional *\*e* ~ Maxakalí *e*, compare *\*ngre* ~ *kute /kte/* ‘cantar’.

Além disso, há alguns paralelos intrigantes no que diz respeito à expressão morfológica de finitude nas línguas Jê Setentrionais e de modo em Maxakalí, conforme explicitamos a seguir.

Primeiramente, a distinção formal de finitude (nas línguas Jê Setentrionais) e de modo (em Maxakalí) possui limitações distribucionais praticamente idênticas nas línguas supracitadas: tanto nas línguas Jê Setentrionais como em Maxakalí somente os verbos **transitivos** (14) e **intransitivos de argumento S<sub>A</sub>** (15) podem apresentar tal distinção, ao passo que os verbos **intransitivos de argumento S<sub>P</sub>** são incompatíveis com a morfologia de finitude/modo (16). Note-se que os pares de verbos em 14 e 15 são cognatos de acordo com

<sup>8</sup> Nas nossas fontes sobre a língua, a forma *gõr* não se encontra atestada em seu uso imperativo, sendo, portanto, hipotética. Oliveira (2003:266) fornece exemplos de outros verbos da mesma classe em orações imperativas, todos sem índice de pessoa: *gre* ‘dance!’, *nhỹ* ‘sente-se!’.



a proposta de Nikulin (2020), já os pares de verbos em 16 não são cognatos, pois os verbos de argumento S<sub>P</sub> tendem a não serem reconstruíveis para o Proto-Macro-Jê.

(14) Verbos transitivos com distinções morfológicas de finitude/modo em Proto-Jê Setentrional e Maxakalí<sup>9</sup>

PROTO-JÊ SETENTRIONAL	MAXAKALÍ	
a. F <i>*-jî</i> , NF <i>*-jîr</i>	IRR <i>-xe</i> , RLS <i>-xex</i>	‘pôr na horizontal.SG’
b. F <i>*-mba</i> , NF <i>*-mbar</i>	IRR <i>-xupak</i> , RLS <i>-xupax</i>	‘ouvir’
c. F <i>*-jaǰú</i> , NF <i>*-jaǰwâr</i>	IRR <i>nũ=...-xo</i> , RLS <i>nũ=...-xok</i>	‘derramar’
d. F <i>*-bî</i> , NF <i>*-bîr</i>	IRR <i>-mî</i> , RLS <i>-mîy</i>	‘fazer’

(15) Verbos intransitivos de argumento S<sub>A</sub> com distinções morfológicas de finitude/modo em Proto-Jê Setentrional e Maxakalí<sup>10</sup>

PROTO-JÊ SETENTRIONAL	MAXAKALÍ	
a. F <i>*yǰôr</i> , NF <i>*-ñǰt</i>	IRR <i>mǰ=hǰn</i> , RLS <i>mǰ=...-yǰn</i>	‘dormir’
b. F <i>*mǰ</i> , NF <i>*-mǰr</i>	IRR <i>mǰ</i> , RLS <i>-mǰg</i>	‘ir/vir.PL’
c. F <i>*tê</i> , NF <i>*-têm</i>	IRR <i>nũ</i> , RLS <i>-nũn</i>	‘ir/vir.SG’
d. F <i>*mbû</i> , NF <i>*-mbâr</i>	IRR <i>poho</i> , RLS <i>-pota(ha)</i>	‘chorar’

(16) Verbos intransitivos de argumento S<sub>P</sub> **sem** distinções morfológicas de finitude/modo em Proto-Jê Setentrional e Maxakalí<sup>11</sup>

PROTO-JÊ SETENTRIONAL		MAXAKALÍ	
a. F/NF <i>*-jaka</i>	‘ser branco’	d. IRR/RLS <i>-ti(hi) /ti/</i>	‘estar.PL’
b. F/NF <i>*-prôt</i>	‘correr’	e. IRR/RLS <i>-kutetex /ktetek/</i>	‘estar pendurado.PL’
c. F/NF <i>*-mbec</i>	‘ser bom’	f. IRR/RLS <i>-yîy /jîk/</i>	‘falar’

Em segundo lugar, a distinção formal de finitude (nas línguas Jê Setentrionais) e de modo (em Maxakalí), via de regra, se dá por meio de sufixos com alomorfes lexicalmente determinados, sendo que a forma marcada na maioria dos casos é a NÃO FINITA (nas línguas Jê Setentrionais) e a de *REALIS* (em Maxakalí). Damos alguns exemplos em 17, novamente envolvendo verbos não cognatos.

(17) Sufixos de NF em Proto-Jê Setentrional e de RLS em Maxakalí<sup>12</sup>

PROTO-JÊ SETENTRIONAL		MAXAKALÍ	
a. F <i>*-ku</i> , NF <i>*-ku-r</i>	‘comer.PL’	f. IRR <i>-xo</i> , RLS <i>-xok /cu-k/</i>	‘plantar’
b. F <i>*-kê</i> , NF <i>*-kê-ñ</i>	‘ralar’	g. IRR <i>-pi</i> , RLS <i>-pix /pi-k/</i>	‘lavar’
c. F <i>*ty</i> , NF <i>*-ty-k</i>	‘morrer’	h. IRR <i>-mu</i> , RLS <i>-muk /mi-k/</i>	‘cozinhar’
d. F <i>*rû</i> , NF <i>*-rwâ-k</i>	‘descer’	i. IRR <i>pi</i> , RLS <i>-pip /pi-p/</i>	‘estar deitado.SG’
e. F <i>*ijkô</i> , NF <i>*-kô-m</i>	‘beber’	j. IRR <i>nũ</i> , RLS <i>-nũn /nî-t/</i>	‘vir’

Em Proto-Jê Setentrional, as formas não finitas comumente recebem o sufixo *\*-r*, mas em diversos verbos transitivos se emprega o sufixo *\*-ñ* e em alguns poucos verbos intransitivos de argumento S<sub>A</sub> se utiliza *\*-k*, *\*-m* ou *\*-c*. No Maxakalí, os sufixos do modo *realis* atestados são */-k/* (em diversos verbos transitivos e intransitivos) e, apenas em verbos intransitivos de argumento S<sub>A</sub>, */-ta/* (em dois verbos) e */-a/*, */-p/*, */-t/* (em apenas um verbo cada). Na maioria dos casos, a relação de cogação entre os sufixos não pôde ser comprovada: em parte isso provavelmente se deve a processos fonológicos que ocorreram na história do Proto-Jê Setentrional quando da elisão das codas consonantais. Por exemplo, os verbos transitivos do Proto-Macro-Jê

<sup>9</sup> Tanto em Proto-Jê Setentrional como em Maxakalí há alguns verbos transitivos que não possuem duas formas distintas, tais como Proto-Jê Setentrional F/NF *\*-pro* ‘cobrir’, *\*-kre* ‘plantar’, *\*-jün* ‘insultar’, *\*-mrô* ‘submergir’, *\*-cök* ‘pintar’; Maxakalí RLS/IRR *-paha* ~ *-pa /-pa/* ‘pegar’, *-kopuk /-kupik/* ‘engolir’.

<sup>10</sup> Em Maxakalí, mas não em Proto-Jê Setentrional, há alguns verbos intransitivos de argumento S<sub>A</sub> que não apresentam duas formas distintas, tais como Maxakalí RLS/IRR *(-)mâm* ~ *mâhâm /(-)mâp/* ‘estar sentado.PL’, *(-)yûm* ~ *yûhûm /(-)jîp/* ‘estar sentado.SG’, *(-)xip* ~ *xihip /(-)cip/* ‘estar.SG’. Note que alternância entre */V/* e */VhV/* nesses verbos se dá tão somente por motivos sintático-fonológicos, não sendo, portanto, motivada por diferenças de modo.

<sup>11</sup> Em Proto-Jê Setentrional há um verbo excepcional, *\*-gato* ‘sair’, que possui uma forma não finita distinta, *\*-gator*, apesar de seu único argumento ser S<sub>P</sub>.

<sup>12</sup> Em Maxakalí, há alguns poucos verbos em que é a forma *irrealis* que apresenta uma consoante */-c, -t/* que não aparece na forma *realis*: IRR *nâhây*, RLS *-nâhâ* ‘cair.SG’; IRR *-xehet*, RLS *-xehe* ‘repetir’, IRR *-kopux*, RLS *-kopuk* ‘voar.PL’. Provisoriamente analisamos tal consoante como um sufixo de *irrealis*.



que terminavam em *\*-t* perderam essa consoante nas formas finitas do Proto-Jê Setentrional, porém recebem *\*-ñ* — e não o alomorfe mais comum, *\*-r* — em suas formas não finitas (Nikulin 2020: 162–3), sugerindo que a história fonológica desse sufixo envolveu mudanças não triviais. Contudo, parece haver correspondência regular entre PJS *\*-r* e Maxakalí /-ta/ e /-a/ (sobre esses dois sufixos do Maxakalí, consultar Silva 2020a:258–9, nota 165). Os exemplos de cognatos identificados podem ser vistos em 18.

(18) Raízes verbais e sufixos de NF/RLS cognatos

	PROTO-JÊ SET.	MAXAKALÍ	
a.	F <i>*mbú</i> , NF <i>*-mbâ-r</i>	IRR <i>po</i> , RLS <i>-pota(ha)</i> /-pu-ta/	‘chorar’
b.	F <i>*to</i> , NF <i>*-ʔto-r</i>	IRR <i>top</i> , RLS <i>-topa(ha)</i> /-tup-a/ (SG)	‘voar’
c.	F <i>*kə</i> , NF <i>*-ʔkə-r</i>	IRR <i>xa</i> , RLS <i>-xata(ha)</i> /-ca-ta/	‘gritar’

Para uma discussão detalhada da morfologia de expressão das categorias em questão, referimos o leitor a Nikulin e Salanova (2019) para o Proto-Jê Setentrional e a Silva e Nikulin (2020) para o Maxakalí.

Em um único verbo do Maxakalí a morfologia de modo envolve uma alternância à esquerda, aparentemente irregular: IRR *mõ=hõn*, RLS *mõ=...-yõn* ‘dormir’. Neste sentido é interessante notar que o cognato deste verbo em Proto-Jê Setentrional apresenta uma alternância homóloga: F *\*yõr*, NF *\*-ñõt* ‘dormir’. Para a correspondência Proto-Jê Setentrional *\*y* (fonologicamente *\*/g/*) ~ Maxakalí *h*, compare *\*-yõ* ~ *-hõm* ‘dar’, *\*-ga* ~ *mõ=...-hap* ‘assar’. Para a correspondência Proto-Jê Setentrional *\*ñ* (fonologicamente *\*/j/*) ~ Maxakalí *y* em ambientes nasais, compare *\*-ñõ* ~ *-yõg* ‘posposição genitiva’, *\*ñy* ~ *yühũm* ‘estar sentado.SG’.

Resumimos as semelhanças morfológicas entre as categorias de finitude (em Proto-Jê Setentrional) e de modo (em Maxakalí) no Quadro 3 abaixo.

língua	Proto-Jê Setentrional	Maxakalí
categoria	finitude	modo
categorias em que a distinção formal ocorre em todos os verbos	intransitivos S <sub>A</sub>	—
categorias em que a distinção formal ocorre em alguns verbos	transitivos	transitivos, intransitivos S <sub>A</sub>
categorias em que a distinção formal não ocorre	S <sub>P</sub> (exceção: <i>*gato</i> ‘sair’)	intransitivos S <sub>P</sub>
forma mais marcada	não finita	<i>realis</i>
marcadores	NF <i>*-r</i> , <i>*-ñ</i> , <i>*-k</i> , <i>*-m</i> , <i>*-c</i> (alomorfes lexicalmente determinados)	RLS /-k, -ta, -a, -p, -t/ (alomorfes lexicalmente determinados) IRR /-c, -t/
alternância à esquerda no verbo ‘dormir’	F <i>*yõr</i> , NF <i>*ñõt</i>	IRR <i>mõ=hõn</i> , RLS <i>mõ=...yõn</i>

Quadro 3: A finitude em Proto-Jê Setentrional e o modo em Maxakalí

A impossibilidade de identificar, no estágio atual do conhecimento da história fonológica das línguas ora analisadas, a origem de parcela da morfologia de não finitude do Proto-Jê Setentrional e relacioná-la com a de modo *realis* do Maxakalí poderia ser um empecilho para considerar que os pares de construções das duas línguas sejam, de fato, cognatos. Porém, à luz da existência de verbos cognatos que recebem sufixos também cognatos, como em 18 acima, a hipótese de origem comum dos dois pares de construções nos parece plausível, e poderá ser corroborada caso cognatos adicionais (à semelhança daqueles em 18) sejam identificados.

### 3.2 Cisão intransitiva

Como já mostramos acima, os verbos intransitivos em Maxakalí se subdividem em duas classes sem uma base semântica transparente, à semelhança do que ocorre nas línguas Jê Setentrionais (cf. Oliveira 2003, Castro Alves 2010, Barros 2019).

A cisão intransitiva nas línguas supracitadas compartilha algumas características não triviais. Uma delas diz respeito à inexistência de distinções morfológicas de finitude/modo nos verbos de argumento S<sub>P</sub>, confor-

me já foi discutido na subseção 3.1 (exemplo 10). Outra característica peculiar consiste no fato de existirem, tanto em Proto-Jê Setentrional como em Maxakalí, alguns pares de verbos posicionais que contrastam em NÚMERO, sendo que os verbos em singular são de argumento  $S_A$ , enquanto os verbos em plural são de argumento  $S_P$  (19).

- (19) Pares de verbos que diferem em número e estrutura argumental

PROTO-JÊ SETENTRIONAL			
	singular, $S_A$	plural, $S_P$	
a.	* <i>ja</i>	a'. *-' <i>ku</i> ' <i>cê</i>	'estar em pé'
b.	* <i>ñy</i>	b'. *-' <i>krĩ</i>	'estar sentado'
c.	* <i>a:jê</i> t	c'. *-' <i>jari</i> '	'estar pendurado'
MAXAKALÍ			
	singular, $S_A$	plural, $S_P$	
d.	<i>xip</i>	d'. - <i>ti</i> ( <i>hi</i> )	'estar (em pé)'
e.	<i>pip</i>	e'. - <i>nõm</i>	'estar deitado'

## 4 Proposta reconstrutiva

Os paralelos morfossintáticos e morfológicos entre as construções do Proto-Jê Setentrional e do Maxakalí são tão notáveis que não podem ser atribuídos ao acaso, evidenciando uma provável origem comum dessas construções. Na subseção 4.1, apresentamos uma reconstrução da construção ergativa–absolutiva da língua ancestral de Jê e Maxakalí, o Proto-Macro-Jê. Na subseção 4.2, proporemos uma reconstrução da construção ativa–inativa e de sua variante imperativa do Proto-Macro-Jê.

### 4.1 Construção ergativa–absolutiva

Como mostramos na subseção 3.1, as construções ergativas–absolutivas do Proto-Jê Setentrional e do Maxakalí apresentam diversas semelhanças estruturais, diferindo apenas no que diz respeito a sua ocorrência (orações subordinadas em Proto-Macro-Jê, orações independentes em Maxakalí) e às categorias verbais envolvidas (forma não finita em Proto-Jê Setentrional, modo *realis* em Maxakalí). Aqui avançamos a hipótese de que o Proto-Jê Setentrional é conservador neste sentido, preservando a morfossintaxe e a semântica da construção do Proto-Macro-Jê, por motivos detalhados a seguir.

Primeiramente, tanto em Proto-Jê Setentrional como em Maxakalí as formas verbais que encabeçam as construções ergativas–absolutivas compartilham certas propriedades com os nomes inalienavelmente possuídos dessas línguas. A primeira propriedade é a obrigatoriedade da expressão do argumento interno, seja por meio de um sintagma nominal ou por meio de um índice de pessoa. A segunda propriedade é a utilização de uma mesma série de índices de pessoa para codificar o argumento interno (absolutivo ou possuidor): Proto-Jê Setentrional \**ij*- '1', \**ba*- '1+2', \**a*-/\**g*- '2', \**c*- '3'; Maxakalí *ũg*= '1', *ũgmũg*= '1+3', *ã*-/*h*- '2', *ũ*- '3'.<sup>13</sup> No caso do Proto-Jê Setentrional, tal situação não é de se estranhar, visto que a não-finitude é, essencialmente, uma espécie de nominalização. Quanto ao Maxakalí, acreditamos que essa língua instancia o cenário tipificado por Gildea (2008), que observa que as semelhanças nas propriedades sintáticas entre orações independentes e sintagmas nominais normalmente se devem a um percurso relativamente comum de evolução construcional.

Mais especificamente, propomos que a ocorrência da construção ergativa–absolutiva em Proto-Macro-Jê era restrita a contextos subordinados, sendo que a relação sintática de subordinação se dava inclusive quando da presença dos chamados “operadores” (elementos não lexicais, tais como verbos auxiliares, posposições ou cópulas). Com o passar do tempo, a ocorrência de alguns dos operadores teria se tornado opcional e, posteriormente, nula, fazendo com que os verbos em sua forma não finita (nominalizações etimológicas) tivessem sido reanalisados como predicados de orações independentes (ver Castro Alves 2010, entre outros, para tal cenário diacrônico). É impossível identificar com precisão a semântica original do(s) suposto(s) operador(es) cuja ocorrência teria se tornado nula. Resumimos o percurso proposto no Quadro 4.

<sup>13</sup> Destes, apenas o índice de segunda pessoa é cognato. No Proto-Macro-Jê, para a terceira pessoa, reconstróem-se os alomorfes \**i*- (diante de consoante) e \**c*- (diante de vogal), sendo que alomorfes diferentes se generalizaram em Maxakalí (\**i*- > *ũ*-) e em Proto-Jê Setentrional (\**c*- > \**c*-) (Nikulín 2020:233, 249–50, 258). Já os índices de primeira pessoa, de acordo com Nikulín (2020:194–207), eram ausentes no Proto-Macro-Jê e emergiram a partir de fontes diversas em cada uma das famílias do tronco.

<p>*[A te [P V.NF]] OP          *[S V.NF] OP          ↓          *[A te [P V.NF]] (OP)          *[S V.NF] (OP)          ↓          A te [P V.RLS] (OP)          [S V.RLS] (OP)</p>	<p>etapa 1: Proto-Macro-Jê           etapa 2: pré-Maxakalí          a ocorrência de alguns operadores torna-se opcional           etapa 3: Maxakalí          a categoria de modo reanalisada como finitude em razão do desaparecimento da construção ativa–inativa (ver subseção 3.2)</p>
--	---

Quadro 4: Evolução da construção ergativa–absolutiva em Maxakalí

De fato, no Maxakalí há alguns operadores, tais como *kaok* ‘INTENS’, *nãm* ‘COMPL’, *ax* ‘FUT’, *tap* ‘já’ ou *hok* ‘PROH’, que ocorrem justamente na posição pós-verbal e exigem que o verbo esteja no modo *realis*, como é o esperado à luz da hipótese exposta no Quadro 4. É possível construir até mesmo um “par mínimo” de orações quase idênticas semanticamente, mas que divergem na escolha do modo verbal em Maxakalí, como mostramos em 20. A construção em 20a tem por fonte etimológica uma oração subordinada, com o étimo de *hok* desempenhando um papel de verbo principal e que na língua atual funciona como operador. Já 20b seria, ainda sincronicamente, uma instância da construção imperativa.

- (20) a. *ã-po-ta* =*hok*                      b. *ka=* *po*  
       2-chorar-RLS =PROH                    PROH= chorar.IRR  
       ‘não chore!’ (*polido*)                ‘não chore!’

Sincronicamente, não há motivos para analisar o modo *realis* em termos de finitude, visto que, como veremos na próxima subseção, a construção etimologicamente finita (ativa–inativa) reconstruível para o Proto-Macro-Jê teria caído em desuso em Maxakalí, exceto em orações claramente não representativas do padrão geral, incluindo as imperativas, as de finalidade e as iniciadas pela partícula inferencial *pa* ‘parece que’.

## 4.2 Construção ativa–inativa

Se o uso da construção ergativa–absolutiva se restringia a contextos de subordinação em Proto-Macro-Jê, qual construção ou quais construções podiam ser utilizadas em orações independentes? Acreditamos que, mais uma vez, o Proto-Jê Setentrional é conservador neste sentido e que a construção que deve ser reconstruída para o Proto-Macro-Jê é a ativa–inativa, apresentada em 21. A semelhança do que ocorre nas línguas Jê Setentrionais, o verbo ocorreria em sua forma finita nas orações independentes, e os argumentos seriam alinhados da seguinte forma:  $S_P/P$ ,  $S_A/A$ .

- (21) A construção ativa–inativa do Proto-Macro-Jê (*proposta*)  
 a. \*A [P V<sub>F</sub>]    verbos transitivos  
 b. \*S<sub>A</sub> V<sub>F</sub>    verbos de argumento S<sub>A</sub>  
 c. \*[S<sub>P</sub> V<sub>F</sub>]    verbos de argumento S<sub>P</sub>

Tal construção não seria preservada nas orações de padrão geral em Maxakalí, que remontam a antigas orações com um operador sintaticamente subordinante. Um possível resquício sobrevive nas construções de finalidade (Nikulín e Castro Alves 2021) e naquelas introduzidas pela partícula inferencial *pa* ‘parece que’ em Maxakalí. Em razão da escassez de dados referentes a esta última construção, deixaremos a discussão dessa possibilidade para futuros trabalhos.

Além da construção não marcada, apresentada em 21 acima, é possível reconstruir, para o Proto-Macro-Jê, uma versão imperativa da mesma (22).

- (22) A construção imperativa do Proto-Macro-Jê (*proposta*)  
 a. \*[P V<sub>F</sub>]    verbos transitivos  
 b. \* V<sub>F</sub>    verbos de argumento S<sub>A</sub>  
 c. \*[S<sub>P</sub>- V<sub>F</sub>]    verbos de argumento S<sub>P</sub>                      nota: s<sub>p</sub>- sempre é de 2ª pessoa

A construção em 21, que não teria sofrido mudanças formais no percurso do Proto-Macro-Jê para o Proto-Jê Setentrional e para o Maxakalí (exceto a reanálise da forma não finita como *irrealis*), difere da construção em 22 no que tange a expressão dos argumentos A e S<sub>A</sub>: esses argumentos, que sempre correspondem semanticamente à segunda pessoa, não podem ser expressos na construção imperativa. A inibição ou a opcionalidade da expressão do sujeito de segunda pessoa em orações imperativas é extremamente comum nas línguas do mundo, sendo geralmente associada com a tendência das línguas a escolher os meios mais econômicos de expressar um determinado significado combinada com o fato de o interlocutor ser o sujeito mais prototípico das orações imperativas (ver Jary e Kissine 2014:101–3, entre outros). Note que, no caso das línguas Macro-Jê, é impossível suprimir o argumento S<sub>p</sub>, como em 22c, por formar um constituinte com o verbo.

## 5 Conclusão

Neste artigo analisamos o alinhamento morfossintático do Maxakalí desde uma perspectiva sincrônica e diacrônica. Demonstramos que os argumentos A, P e S<sub>(A/P)</sub> podem ser alinhados de três formas no Maxakalí, a depender da classe lexical do verbo e da construção: verbos nativos no modo *realis* contam com alinhamento ergativo-absolutivo, enquanto estes mesmos verbos no modo *irrealis* seguem um alinhamento ativo-inativo (cisão intransitiva). Já verbos emprestados e onomatopaicos têm um alinhamento nominativo-acusativo, em que o argumento nominativo (A/S) é marcado pela posposição *te* (formalmente idêntica à posposição ergativa).

Mostramos ainda que há semelhanças não-triviais entre as propriedades morfossintáticas da forma *realis* em Maxakalí e da forma não finita nas línguas Jê Setentrionais, assim como entre a forma *irrealis* em Maxakalí e da forma finita nas línguas Jê Setentrionais. Hipotetizamos que essas propriedades foram herdadas do Proto-Macro-Jê. As línguas Jê Setentrionais, por um lado, retiveram o funcionamento do sistema verbal original da protolíngua, enquanto o Maxakalí inovou, reanalisando a categoria de finitude como modo.

Futuros estudos podem ajudar a elucidar as lacunas ainda não preenchidas. Para tanto, uma descrição mais detalhada da morfossintaxe da língua Krenak, a qual forma um ramo juntamente com o Maxakalí dentro do tronco (Nikulin e Silva 2020), pode ser particularmente esclarecedora. Além disso, futuras pesquisas deverão averiguar a compatibilidade de nossa proposta com os dados sincrônicos das línguas Macro-Jê que não foram consideradas neste trabalho, incluindo algumas línguas Jê, tais como Panará, Xavante, Akwê-Xerênte, Kaingang e Laklãnô (Xokleng).

Um maior entendimento do comportamento morfossintático de alguns verbos de origem aparentemente nativa do Maxakalí (tais como *tatxok* ‘banhar’, *xupxet* ‘roubar’ e *hãmyãg* ‘dançar’) que seguem um padrão similar ao de verbos não nativos, também podem constituir um caminho investigativo para uma reconstrução mais fiel do percurso evolutivo do alinhamento nessa língua. Finalmente, uma documentação mais detalhada das construções de finalidade e daquelas introduzidas pela partícula inferencial *pa* ‘parece que’ no Maxakalí, por utilizarem o modo *irrealis*, certamente auxiliará em avanços na reconstrução do trajeto da mudança do Proto-Macro-Jê ao Maxakalí moderno.

## 6 Abreviações

1/2/3 = primeira/segunda/terceira pessoa; A = agente de verbo transitivo; ACC = acusativo; COMPL = completivo; DAT = dativo; ERG = ergativo; FIN = finalidade; FOC = foco; FUT = futuro; INFER = inferencial; INTENS = intensificador; IRR = *irrealis*; MS = mesmo sujeito; NF = não finito; NOM = nominativo; ONOM = onomatopeia; OP = operador; P<sub>(S/P)</sub> = paciente de verbo transitivo (alinhado/não alinhado com o argumento S<sub>p</sub>); PL = plural; POSS = possessivo; PROH = proibitivo; RLS = *realis*; S<sub>(A/P)</sub> = único argumento de verbo intransitivo (alinhado com o argumento A/P); SD = sujeito diferente; SG = singular; V<sub>(F/NF)</sub> = verbo (em sua forma finita/não finita) ou vogal.

## 7 Agradecimentos

Agradecemos ao povo Maxakalí e em particular aos falantes que têm colaborado conosco nas aldeias Verde e Pradinho por ter nos permitido realizar pesquisas linguísticas junto a eles, a Spike Gildea e Flávia de Castro Alves por seus comentários a respeito de diferentes versões deste artigo, bem como à audiência do 2º Encontro dos Americanistas no Cerrado, onde uma primeira versão deste trabalho foi originalmente apresentada.

Reconhecemos o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio de bolsas DS (processo n° 88882.383540/2019-01, Nikulin) e PROEX (n° 1506236, Silva), do Conselho de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Canadá (SSHRC) por meio de uma bolsa Insight (n° 435-2018-1173, Nikulin, Pesquisador Principal: Andrés Pablo Salanova) e da Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP (Funcamp) por meio de uma bolsa PPPD (protocolo n° 77202-21, Silva). Quaisquer erros ou equívocos são de nossa exclusiva responsabilidade.

## 8 Referências

- Barros, Murilo da Silva. 2019. *Intransitividade cindida em línguas Jê Setentrionais*. Dissertação de mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília.
- Castro Alves, Flávia de. 2010. Evolution of alignment in Timbira. *IJAL* 74(4):439–75. doi:10.1086/658054
- Castro Alves, Flávia de. 2011. *Hierarquia de pessoa e padrão nominativo nas línguas Jê Setentrionais*. Trabalho apresentado na XI Semana Universitária da Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília.
- Gildea, Spike. 2008. Explaining similarities between main clauses and nominalized phrases. *AMERINDIA* 32:57–75.
- Gildea, Spike, Eugenio R. Luján e Jóhanna Barðdal. 2020. The curious case of reconstruction in syntax. In: Jóhanna Barðdal, Spike Gildea e Eugenio R. Luján (eds.). *Reconstructing Syntax*, pp. 1–44. Leiden: Brill. doi:10.1163/9789004392007\_002
- Ferreira, Marcus Vinicius de Lira. 2011. *Atos de fala nas línguas Jê: distinções sintáticas no imperativo e no proibitivo*. Dissertação de mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília.
- Jary, Mark e Mikhail Kissine. 2014. *Imperatives: Key topics in semantics and pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jefferson, Kathleen. 2013 [1989]. *Gramática pedagógica Kayapó*. Anápolis: Associação Internacional de Linguística.
- Mithun, Marianne. 1991. Active/agentive case marking and its motivations. *Language* 67(3):510–46. doi:10.2307/415036
- Nevins, Andrew, Mário André Coelho da Silva e Carlo Sandro Oliveira Campos. 2021. Speech reports and ideophones in Maxakalí. *Language Documentation and Description*. Manuscrito submetido.
- Nikulin, Andrey. 2020. *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. Tese de doutorado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília.
- Nikulin, Andrey e Andrés Pablo Salanova. 2019. Northern Jê verb morphology and the reconstruction of finiteness alternations. *IJAL* 85(4):533–67. doi:10.1086/704565
- Nikulin, Andrey e Andrés Pablo Salanova. 2022. O enfraquecimento diacrônico de consoantes em Mëbêngôkre. In Edna dos Santos Oliveira, Eduardo Alves Vasconcelos e Romário Duarte Sanches (orgs.) *Estudos Linguísticos na Amazônia. Volume 2*, pp. 121–43. Campinas: Pontes Editores.
- Nikulin, Andrey e Flávia de Castro Alves. 2021. Coordenação oracional e *switch reference* em Proto-Macro-Jê: evidências das línguas Jê Setentrionais e Maxakalí. Trabalho apresentado no *Amazônicas VIII*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. <https://www.youtube.com/watch?v=dibD76JUfR8>.
- Nikulin, Andrey e Mário André Coelho da Silva. 2020. As línguas Maxakalí e Krenák dentro do tronco Macro-Jê. *Cadernos de Etnolingüística* 8(1):1–64.
- Oliveira, Christiane Cunha de. 2003. Lexical categories and the status of descriptives in Apinajé. *IJAL* 69(3):243–74. doi:10.1086/381336
- Silva, Mário André Coelho da. 2020a. *Tikmũũn yĩ ax tinã xohi xi xahĩnãg – Sons e pedaços da língua Maxakalí: Descrição da fonologia e morfologia de uma língua Macro-Jê*. Tese de doutorado em Linguística Teórica e Descritiva. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Silva, Mário André Coelho da. 2020b. Um novo olhar sobre formas longas e curtas em nomes no Maxakalí. In Marcelo Silveira, Maria José Guerra de Figueiredo Garcia e Ludoviko Carnasciali dos Santos (orgs.) *Macro-Jê — língua, cultura e reflexões*. Londrina: EdUEL.
- Silva, Mário André Coelho da e Andrey Nikulin. 2020. Morfologia verbal flexional da língua Maxakalí. In Maxwell Miranda, Águeda Aparecida da Cruz Borges, Áurea Cavalcante Santana e Suseile Andrade Sousa (orgs.) *Línguas e Culturas Macro-Jê: Saberes entrecruzados*, pp. 329–51. Barra do Garças: GEDDELI/UFMT.